



## **Análise da circulação: indicativos observacionais <sup>1</sup>** **Analysis of circulation: observational indications**

João Damasio<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo, de caráter ensaístico, sinaliza dois principais indicativos observacionais para a análise da circulação – compreendida como método que vem sendo elaborado em diversos estudos que se interessam pela circulação de sentidos em detrimento de análises da produção e da recepção. Com base em um diálogo livre com as categorias encontradas em três diferentes teorizações (a perspectiva semiodiscursiva de Eliseo Verón, a teoria intermediária dos dispositivos interacionais de José Luiz Braga e a abordagem socioconstrutivista de Andreas Hepp e Nick Couldry), propõe-se que a análise da circulação privilegia a observação de marcas, indícios e ações em relação aos dispositivos, à semiose e ao cotidiano midiático, sendo estes os dois indicativos observacionais que perpassam os procedimentos adotados em diferentes angulações.

**Palavras-chave:** Circulação; Epistemologia; Metodologia.

**Abstract:** This article, of an essayistic nature, highlights two main observational indicators for the analysis of circulation – understood as a method that has been developed in several studies that are interested in the circulation of meanings to the detriment of analyzes of production and reception. Based on a free dialogue with the categories found in three different theories (the semi-discursive perspective of Eliseo Verón, the intermediary theory of interactional devices by José Luiz Braga and the socio-constructivist approach of Andreas Hepp and Nick Couldry), it is proposed that

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.

<sup>2</sup> Coordenador da Divisão de Divulgação Científica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS).



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

the analysis of circulation privileges the observation of marks, signs and actions in relation to dispositif, semiosis and mediatized everyday life, these being the two observational indicators that permeate the procedures adopted from different angles.

**Keywords:** Circulation; Epistemology; Methodology.

### 1. Introdução

Já é bastante extenso o debate sobre questões ao redor da circulação de sentidos, tópico do processo comunicacional que lança luz sobre as defasagens entre produção e reconhecimento (Verón, 2004; Fausto Neto, 2016; Ferreira, 2016). Dada a complexidade e a importância das referências teóricas que elaboram as inúmeras vertentes possíveis para o estudo nessa perspectiva, boa parte das proposições metodológicas mais operacionais tem ficado a cargo de teses, dissertações e artigos, que desenvolvem angulações específicas para suas empirias.

Com essa percepção, Damasio, Duarte e Freire (2020) realizaram uma revisão sistemática sobre as pesquisas empíricas apresentadas nas três primeiras edições do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, em busca de pistas sobre o modo como a circulação de sentidos é operacionalizada nesses casos, tendo como corpus este Seminário, locus privilegiado de comunicação científica acerca dessa temática. Foram percebidos estudos sobre relações entre produção e reconhecimento, imaginários em circulação, circulação do acontecimento, práticas de produção jornalística, operações discursivas institucionalizadas, episódios interacionais e coletivos e atores sociais. Para cada um desses temas foram percebidas diversas abordagens analíticas.

Embora haja teorizações fortes sobre essa temática, associadas ainda a importantes desenvolvimentos empíricos, a reflexão sobre essas abordagens analíticas constitui um gap. Afinal, como desenvolver e/ou orientar uma análise da circulação?



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

No presente texto, não temos uma pretensão mais ampla de sistematização, mas buscamos apresentar uma proposição ensaística, mais ou menos abrangente, tendo em vista que ela também surgiu no escopo de uma pesquisa empírica, mas foi desenvolvida no processo de estudo com preocupações de articulação de perspectivas analíticas.

O presente texto reconstitui trechos da tese de doutorado do autor, que utilizou um procedimento cartográfico para compreender a circulação de sentidos em um grupo de museus, compreendidos na tese como dispositivos midiatizados. Assim, sem abordar o tema da cartografia propriamente dito, o foco da proposição desenvolvida na tese e aqui repensada está em *análises intermediárias da circulação*, aquelas que se atentam aos dispositivos – que ora resultam da circulação, ora são motores desta.

Há uma gama de outras estratégias metodológicas possíveis para análise da circulação, sendo bastante usuais estudos que se dirigem mais propriamente à circulação discursiva (Borelli e Dias, 2018), aos “ambientes em diferenciação” (Ferreira, 2016), às lógicas sistêmicas em “zonas” (Soster et al., 2018) ou ainda à “circulação do capital” (Grohmann, 2018) etc. Aqui, proponho que a análise da circulação precisa levar em conta *o que circula* (textos e imagens vistos como indícios, marcas ou ações) *em relação ao que faz circular* (práticas específicas que constituem dispositivos, semiose ou um cotidiano midiatizado).

## 2. Proposição deste trabalho

Não busco aqui propor novas categorias de análise, mas, a partir de um estudo bibliográfico, identificar alguns padrões observacionais capazes de fornecer alguns indicadores metodológicos para o processo de análise da circulação. O escopo proposto inspira-se em alguns conceitos apropriados a partir de três autores: a perspectiva semiodiscursiva de Eliseo Verón, a teoria intermediária dos dispositivos interacionais de José Luiz Braga e a abordagem socioconstrutivista de Andreas Hepp e Nick Couldry. Configura-se, assim, uma triangulação de diferentes perspectivas teóricas, oriundas de diferentes disciplinas e representada por autores de diferentes nacionalidades.



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

O esforço deste artigo não é unificar essas proposições, mas desentranhar alguns indicativos metodológicos comuns, sobretudo quando esses autores apontam para objetos de estudo da mediação e desenvolvem operadores conceituais que incluem modos de observação, ainda que multiplicáveis em inúmeras questões teóricas.

### 3. Índícios, marcas e ações

A análise da circulação adere ao estudo da mediação sobretudo porque diz respeito diretamente ao modo como interagimos socialmente, e este está cada vez mais mediado. Ao vivenciar uma aparente convergência cultural e tecnológica, atores sociais e coletividades dispõem uma diversidade de apropriações, uma ampliada defasagem de sentidos e um potencial em imaginação e construção social da realidade. Trata-se da “aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (Braga, 2012).

A heurística de observar essas disposições, que emergem como relações constituintes da realidade social, nos direciona para um campo diferente daquele dos diagnósticos que emparelham a mediação com adjetivos globais para a sociedade “de massas”, “do espetáculo”, “da informação”... Aqui, a proposta volta-se “menos para construção dos diagnósticos e mais para a retomada dos sintomas como ‘programa de estudo’” (Fausto Neto, 2005, p. 22).

É claro que o conceito de mediação pressupõe uma teoria social ou, mais precisamente, implica “repensar o caráter do mundo social (...) construído a partir e por meio de processos mediados e infraestruturas de comunicação” (Couldry e Hepp, 2020, p. 11). Nesse sentido, o âmbito de discussão é bastante extenso:

‘Mediação’ como síntese para todas as transformações de processos comunicativos e sociais, bem como as formas sociais e práticas construídas a partir deles, derivadas da nossa dependência cada vez maior dos processos de mediação de base tecnológica e institucional. Evidentemente, tais transformações são complexas, significando que a ‘mediação’ não é apenas um tipo de coisa, uma



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

‘lógica’ do fazer coisas; na verdade ela é melhor compreendida não como uma ‘coisa’ ou ‘lógica’, mas como uma variedade de maneiras pelas quais ordenamentos possíveis do social pelas mídias são depois transformados e estabilizados por meio de ciclos de feedback contínuos (Couldry e Hepp, 2020, p. 14).

Isso quer dizer que, mesmo compreendida como uma teoria social em nível macro, a midiatização nos remete ao empírico através de uma “variedade de maneiras” e de “ciclos de feedback contínuos”, ideia antes já trabalhada por Fausto Neto (2016) com maior precisão no que se refere a identificar os feedbacks como algo mais complexo do que trocas informacionais, isto é, como algo que se manifesta ao nível das “condições de circulação discursiva”.

Uma característica central da midiatização em processo é o fato de que a organização social se estrutura segundo lógicas e operações dos meios, engendrando novas relações entre instituições e os atores sociais mediante complexos feedbacks que ultrapassam aqueles que se caracterizam por binaridades de envios e de reenvios, segundo intercambialidades mais restritas. No contexto atual da midiatização, os fenômenos midiáticos tratam de complexificar o funcionamento da organização social, em termos de lógicas de mídia, algo que se manifesta de modo complexo sobre as condições de circulação discursiva (Fausto Neto, 2016, p. 69).

Essas condições da circulação discursiva nos remetem aos processos midiáticos que dão base para a comunicação. Nesse sentido, os autores que estamos estudando fizeram um mesmo paralelo importante entre a escrita e a midiatização. Braga (2006) argumentou que, em seus tempos e sociedades específicas, cada uma se configurou como “processo interacional de referência”. Isto é, servem de base para as operações de construção da realidade.

Couldry e Hepp (2020, p. 19) desenvolveram o mesmo assunto ao lembrar de Ivan Illich, que compreendeu no fenômeno da escrita uma “mudança na vida comunicativa do século 12 na Europa, que precedeu as mais célebres transformações derivadas das tecnologias de impressão”. Eles falaram, portanto, de “um mundo onde a própria escrita tornou-se o lugar em que novos sentidos eram produzidos”. O mesmo se



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

aplica à midiatização, quando a gramática básica da produção de sentidos está implicada pelos processos midiáticos.

Talvez seja por herança da escrita como processo interacional de referência que tenhamos associado tão fortemente a própria análise da produção de sentido ao texto ou ao discurso, compreendendo as instâncias de significantes e significados, como propõem os estudos linguísticos e semióticos.

Verón (2004) buscou tensionar as perspectivas das teorias sociais e da linguística para pensar, em seus próprios termos, uma teoria do sentido, que ele concebeu pragmaticamente como “fragmentos de um tecido”. Assim, recorreu às instâncias pragmáticas da comunicação para ir além do problema da “produção” do sentido primeiramente rumo às descobertas sobre o “reconhecimento” do sentido, isto é, o âmbito dos receptores. Depois, o autor propôs a análise da “circulação” de sentidos, âmbito que implica as defasagens entre condições e gramáticas de produção e de reconhecimento.

Diante dessa apreensão da midiatização por meio da circulação, fica evidente um primeiro padrão observacional entre as perspectivas estudadas: aquela que nos remete aos indícios capazes de “gerar proposições de crescente abstração a partir de realidades concretas” (Braga, 2008, p. 77), também chamados de marcas, “descritas como traços de operações discursivas” (Verón, 2004, p. 159) e que, não correspondendo exatamente à clássica noção sociológica de ação social, faz paralelo com as “ações” teorizadas como “uma variedade de maneiras pelas quais ordenamentos possíveis do social pelas mídias são depois transformados e estabilizados por meio de ciclos de feedback contínuos” (Couldry e Hepp, 2020, p. 14).

Indícios, marcas e ações nos apontam que a atenção à empiria e, sobretudo, às singularidades dos processos midiatizados em observação são uma boa porta de entrada para a análise da circulação. Mas, sabemos que é preciso ir além dos descritores de indícios (que poderiam ser fornecidos por softwares ou sistemas de monitoramento e tráfego, por exemplo). A pesquisa em circulação privilegia o trabalho com os indícios especificamente contextualizados (Grohmann, 2018). Então, como dar contexto?



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

#### 4. Dispositivo, semiose e cotidiano midiaticado

Como já explicitado, em nossa proposição, a análise da circulação precisa levar em conta o que circula em relação ao que faz circular. Braga (2008) propôs justamente que é necessário pensar, juntos, “os indícios e a coisa indiciada”. É em busca da coisa indiciada que iremos agora ao buscar os indicativos operacionais fornecidos pelas noções de dispositivo interacional (Braga, 2018), semiose social (Verón, 2012) e cotidiano midiaticado (Couldry e Hepp, 2020) à análise da circulação.

Começamos por Verón (2004), que propôs um vasto ferramental teórico para a análise da circulação de sentidos, capaz de caracterizar boa parte do que ele chamou de semiose social. Destacam-se, por exemplo, os seguintes operadores veronianos: marcas, gramáticas, operações e lógicas. Detalhemos um pouco. O autor pressupõe que os sentidos só podem ser analisados quando são materializados discursivamente, isto é, quando conseguimos observar “marcas” ou “traços” de um discurso em qualquer materialidade. Portanto, as marcas são diretamente observáveis.

Cabe ao analista assumir um lugar de observador compatível com as “gramáticas” ou elementos a que se referem suas inferências. “A análise dos discursos pode ser colocada em duas posições, que não devem ser confundidas: seja na produção, seja no reconhecimento, em relação a um conjunto discursivo dado” (Verón, 2004, p. 160).

Um passo adiante, Verón (2004, p. 159) recomenda que haja um processo descritivo, comparativo ou inferencial entre as marcas e gramáticas observadas antes de submeter os discursos a categorias prévias. Pode-se considerar que qualquer “superfície discursiva é uma rede de relações assumidas por marcas. Estas marcas são descritas como traços de operações discursivas”. São as operações que nos remetem, por fim, às lógicas que estão em jogo.

Com o avanço da midiaticação, consideramos que as proposições de Verón (2004) ganharam ainda mais especificidade. Seu conceito ampliado de discurso permite



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

considerarmos a variedade de processos midiáticos como material de análise – dos textos aos dispositivos e todas suas materialidades em circulação. Diante do exposto sobre a midiatização como processo interacional de referência, poderíamos pensar em analisar os sentidos para além das metáforas linguísticas utilizadas por Verón (2004)?

Considero que Couldry e Hepp (2020), ao situarem a midiatização em uma teoria social, nomeiam os conceitos que podem ser mais próprios das lógicas de midiatização do que das lógicas da cultura escrita. Esses autores são coerentes com a abordagem de Verón (2004) na medida em que partem da noção de “operação” – ainda que não chamem de operações discursivas e sim de operações de construção do mundo social. Para eles, trata-se de “uma operação que se dá em vários níveis”. Propriamente quatro níveis: ações comunicativas (falas), práticas comunicativas (discussões ou conjunto de falas), formas de ação (que identificam um conjunto de discussões) e padrões (estabilização de um conjunto de formas de ação).

No Quadro 1, elaborei um esquema possível dessas relações conceituais que estamos propondo entre Verón (2004), Braga (2018) e Couldry e Hepp (2020).

Quadro 1 – Conceitos para análise da circulação de sentidos

<b>FONTE</b>	<b>DIMENSÕES DE ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS</b>			
<b>Verón (2004)</b>	Marcas	Gramáticas	Operações	Lógicas
<b>Couldry e Hepp (2020)</b>	Ações	Práticas	Formas de ação	Padrões
<b>Braga (2018)</b>	Discursos	Dispositivos interacionais		Macrodispositivos
<b>Relação entre os conceitos e seus correspondentes observáveis na circulação</b>	Singularidades discursivas que podem ser observadas diretamente	Fazeres singulares que dependem do lugar do observador	Processos operativos dos sentidos a partir de um conjunto de fazeres	Processos amplos experimentados como modos de interação

Fonte: Elaboração própria com base em Verón (2004), Braga (2018) e Couldry e Hepp (2020).





## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Desse modo, compreendemos que *a circulação pode ser observada em pelo menos quatro níveis de análise, passando por singularidades, fazeres e processos mais específicos ou mais amplos*. Destacaremos aqui, sobretudo, o potencial analítico das gramáticas e operações (Verón, 2004), ou ainda práticas e formas de ação (Couldry e Hepp, 2020) que, em suas singularidades, apontam para análises intermediárias, ao nível dos dispositivos (Braga, 2018).

Toda abordagem da circulação se relaciona ao processo básico da comunicação, superando concepções transmissivas (lineares ou ruidosas) entre dois polos em prol de noções de manejo. “Ao apontar para discontinuidades e contrastes nas relações entre produtor e receptor, pesquisas chamam atenção para as condições através das quais o processo interacional é manejado neste contexto” (Fausto Neto, 2013, p. 46-47).

Argumentando com Ferreira (2013, p. 154), compreendemos que esse manejo da circulação ocorre “pelos processos de interpenetração entre o tecnológico, as formações discursivas e os contextos socioantropológicos”. Esses aspectos estão presentes em toda a história das relações sociais, mas são especialmente pregnantes como relação que dá a ver processos próprios da circulação de sentidos na sociedade em midiatização, onde, de acordo também com Braga (2017), se percebe “um fluxo comunicacional contínuo e adiante”.

Percebemos, então, um fluxo comunicacional contínuo e adiante que dinamiza passagens de resultados entre dispositivos interacionais de ação frequente. Após a apropriação dos sentidos de uma mensagem originada em qualquer ponto da sociedade, seus captadores/apropriadores podem sempre pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, independente de um retorno imediato, segue adiante, em processos diferidos e difusos (Braga, 2017, p. 47).

A circulação é, portanto, esse espaço intermediário de defasagens evidenciado pela midiatização para além das linearidades pressupostas na ida-e-volta de uma conversa, na oferta cultural e nas interações baseadas na cultura escrita. A noção central é de que a comunicação nas interações midiatizadas está ligada sobretudo às



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

“transformações havidas no âmbito da circulação”, um “terceiro polo” posicionado junto à produção e à recepção (Fausto Neto, 2010, p. 3).

A circulação deixa de ser um elemento ‘invisível’ ou ‘insondável’ e, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, explicita sua ‘atividade construcionista’, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos (Fausto Neto, 2010, p. 3).

Já os efeitos da circulação de sentidos na sociedade se dão transversalmente a partir dos dispositivos nos quais os processos interacionais são experienciados e estabilizados como lógicas de midiatização. Ferreira (2013, p. 144) questiona então como é que a circulação direciona os dispositivos midiáticos. “A circulação é uma problemática que se destaca nas relações entre processos intermidiáticos (entre dispositivos) e intramidiáticos (no âmago do dispositivo)”. Desse modo, o caráter ativo e concreto da circulação estaria nos dispositivos pelos quais ocorrem suas operações.

A circulação (...) é abstrata. Ela se concretiza na análise dos dispositivos midiáticos em que ocorre. O dispositivo não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento, observa-se um deslocamento/reescalonamento, instalando novas lógicas de classificações em contextos interacionais em que está inserido (Ferreira, 2013, p. 147).

Em nossa tese de doutorado, por exemplo, estudamos sobre museus. “Museus” são “formações discursivas já disponíveis na sociedade”, constituindo o que Braga (2018, p. 84) chamou de “macrodispositivos” sobre os quais se elaboram urgências e estratégias específicas, que por sua vez caracterizam “microdispositivos”.

[Macrodispositivos comunicacionais] expressam modos diversificados de lidar com diferentes problemas de relações entre os humanos e destes com a natureza, modos especiais de interação para lidar com ângulos específicos da necessidade comunicacional: narração,



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

informação, persuasão, debates, aprendizagem, negociação, dialética, retórica, ficção, fofoca, geração de opinião... O que são esses processos senão modos diversos de agenciar conexões desejáveis ou possíveis entre seres humanos, grupos e sociedade? Não são nomes de essências nem de categorias ontologicamente fechadas – são inventados em modo pragmático para resolver problemas. Mas são estratégias abrangentes, com grande variação interna de táticas, para urgências e objetivos diversificados (Braga, 2018, p. 89).

Em minha tese, conforme mencionado, o museal teve o caráter de macrodispositivo interacional, perceptível em diversos microdispositivos, por meio de singularidades caso a caso em diversos museus que analisei. Mais uma vez é o empírico que se destaca na análise da circulação, agora vinculado à “coisa indiciada” ou àquilo que faz circular.

Notamos assim este segundo e último padrão observacional na análise da circulação: a percepção de dispositivos de interação capazes de darem contexto ao nosso cotidiano midiatizado, que se retroalimenta de indícios, marcas e ações.

### **5. Síntese dos indicativos observacionais na análise da circulação**

Quando Eliseo Verón (2013) falou sobre semiose social, deixou não apenas uma teoria do sentido capaz de articular o contexto social, mas também uma grande questão epistemológica sobre o processo de observação. Quando um analista qualquer observa um sentido, ele participa de sua produção e de seu reconhecimento. Do mesmo modo, quando um ente social qualquer (um indivíduo, uma instituição etc.) inscreve um discurso em circulação, ele necessariamente o faz por meio de um processo de observação. Todos somos observadores, produtores, receptores e analistas em diferentes momentos e instâncias.

Quando os estudos em comunicação analisam o âmbito produtivo, isso nem sempre se evidencia, já que é possível destrinchar condições, efeitos, modos e mensagens que correspondam à produção de um sentido, sem necessariamente atentar para a continuidade do percurso desses sentidos.



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Os estudos em recepção trataram dessa continuidade do sentido: o que se produz chega a um ou mais receptores que decodificam, interpretam e reorientam os sentidos intencionados na produção. Mesmo ultrapassando essa exemplificação, ao estudara a recepção, sabe-se que o que se observa são os atos de sujeitos ali identificados.

Entre outros estudiosos que avançaram nos estudos de produção e de recepção, Verón (2013) propôs que há um terceiro locus do processo comunicacional, que se refere à relação de diferença, articulação e interpenetração dos dois primeiros. A circulação de sentidos não existiria como instância autônoma e identificável. E isso também desloca o processo observacional.

É preciso destacar pelo menos duas grandes descobertas veronianas nesse sentido. A primeira delas é que o sentido, para ser relacional e não ser subsumido ao caráter transmissor da informação, precisa ser visto em circulação. Isso significa que ele tem um contexto que precisa levar em conta, pelo menos, a dimensão linguística por meio da qual se elabora um discurso; e a dimensão social que lhe dá inteligibilidade. Assim, só é possível observar um sentido colocando-se em relação a ele. Quando nos propusemos, aqui, a buscar indicativos observacionais, trata-se de uma forma de corresponder a este aspecto: como podemos metodologicamente nos colocar em relação aos sentidos para analisar sua circulação?

A segunda descoberta de Verón a esse respeito tem a ver com a mediação. Com a chamada “ampliação do acesso”, não apenas se multiplicam e complexificam os produtores e receptores, mas podemos pensar que a própria instância da circulação ganha cada vez mais materialidade, deixa de ser invisível, torna-se cada vez mais palpável aos observadores – seja quando emergem como atores sociais, seja quando assumem uma postura de analistas dos sentidos.

Sem que ninguém esteja em produção ou em recepção, o que chamamos de “sentidos” parece permanecer em potência sempre que novos textos e novas imagens ocupam as telas e memórias de algum aparelho. A circulação é precisamente o que nos permite reconhecer aquilo como um sentido, pois nós o percebemos por meio do gesto que o acionou enquanto tal.



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Então, a questão trazida com este ensaio não se resume a um manual de instruções, mas justifica-se epistemologicamente à medida em que, para analisar a circulação, é preciso pensar “o lugar de observador” (Verón, 2013). Nem sempre os estudos que tematizam a circulação promovem movimentos que justifiquem essa angulação, pois é necessário alguma consciência e posicionamento sobre esse lugar epistemológico que se constitui em processo, entre produção e reconhecimento. Caso contrário, o que se desenvolvem são análises de conteúdo em um corpus mais ou menos delimitado sobre determinado assunto.

Para superar essa condição é que este artigo buscou dialogar com algumas teorizações que fornecem indicativos para esse processo de observação na análise da circulação. A perspectiva semiodiscursiva de Eliseo Verón, a teoria intermediária dos dispositivos interacionais de José Luiz Braga e a abordagem socioconstrutivista de Andreas Hepp e Nick Couldry não podem ser unificadas sob qualquer pretexto e, ao apresentar um quadro correlacionando as categorias empregadas por estes autores, nosso objetivo não foi subsumí-las umas às outras, mas buscam os indicativos observacionais em comum.

Assim, propomos, com Braga (2008), que é preciso pensar, juntos, “os indícios e a coisa indiciada”. Em outras palavras, anotando dois indicativos observacionais relevantes e transversais em quaisquer análises da circulação, notamos que é necessário levar em conta o que circula (textos e imagens vistos como indícios, marcas ou ações) em relação ao que faz circular (práticas que constituem dispositivos, semiose ou um cotidiano midiatizado).

Nos dois casos, é a empiria disponível na condição de “sentido” que evidencia a circulação. Primeiro, as marcas singulares que nos fazem perceber o sentido; depois, os processos que as fazem circular na sociedade. Nas teorizações aqui estudadas e em outras, a percepção da circulação de sentidos abre inúmeras possibilidades de análise. O que se buscou evidenciar aqui é a instância prática do lugar epistemológico que precisa ser construído para dar conta do que circula e do que faz circular.



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

### Referências

BORELLI, V.; DIAS, M. Desafios metodológicos para compreender as interações entre jornais e leitores. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 2, jul. 2018. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/178>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. **Matrizes**, ano 6, n. 1, jul./dez. 2012.

BRAGA, J. L. Interagindo com Foucault – Os arranjos posicionais e a Comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, Vol. 6, n. 12, jul./dez. 2018.

COULDRY, N.; HEPP, A. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2020.

DAMASIO, J.; GODOI, R.; FREIRE, A. Circulação de sentidos em perspectiva metodológica: Uma revisão das pesquisas empíricas no Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1338>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FAUSTO NETO, A. Dos sintomas aos programas de estudo. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. 28, n. 1, p. 11-25, jan./jun. 2005.

FAUSTO NETO, A. Da convergência/divergência à interpenetração. In: MIÈGE, Bernard et al. **Operações de mídiação**: das máscaras da convergências às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016.

FERREIRA, J. A construção de casos sobre a mídiação e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 33, set.-dez., 2016, p. 199-213. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/24292>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GROMANN, R. Circulação Comunicacional do Capital: reflexões introdutórias. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 2, jul. 2018. Disponível em:



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

<<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/208>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SOSTER, D. et al. Os circuitos múltiplos e as Zonas Intermediárias de Circulação. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 2, jul. 2018. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/203>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.

VERÓN, E. **La semiosis social**, 2: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.